

# RENOVAÇÃO



NUMERO 24

# Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: *Santos Arranha* \* Editor: *Alexandre de Assis* \* Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»

Officinas de composição e impressão: *Imprensa Beleza — R. da Rosa, 99 a 107*

Redacção e Administração: *Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa* — Telefone: *Trindade 5 3 9*

## SUMARIO do numero anterior:

A IDEIA EVOLUTIVA DA JUSTIÇA, por *Ferreira de Castro*  
— AS FALSAS DIVINDADES, por *Eugénio Navarro* (com gravura) — A CURA DA TUBERCULOSE, por *Alfredo Marques* (com gravura) — COMO TRANSFORMAR A ESCOLA, por *Alberto de Magalhães* (com gravuras) — O BARBARISMO DA IDADE MÉDIA (com gravuras) — O CULTO DO AMOR NAS PLANTAS, por *Ladislau Batalha* — O FERREIRO, soneto por *Bento Faria* — CARROÇAS DE MÃO (com gravuras) — VIDA DE EXPLENDOR E VIDA DE MISÉRIA, por *F. de C.* (com gravuras) — NEM AO MENOS COME, conto por *Eduardo Frias* — O MUNDO CURIOSO — ACTUALIDADES: A Semana da Criança.

Ano I — Numero 24

Lisboa, 15 de Junho de 1926

COM O PRESENTE NUMERO A **RENOVAÇÃO** COMPLETA  
UM ANO DE PUBLICAÇÃO

# Renovação

## A LITERATURA SOCIAL E OS VALORES LITERARIOS NA RUSSIA



EPOIS do triunfo do bolchevismo, a Europa Ocidental só conheceu da Russia as manifestações picturais-arrojadas, inovadoras, gritos de arte moderna, manchas bizarras a cobrir todos os academicismos, todos os esteticismos consagrados.

Nas revistas e nos jornais, nos teatros e nos salões do povo, nos cartazes revolucionarios e até na parte exterior dos combóios, o lapis e o pincel dos artistas russos fizeram a propaganda da revolução e da Arte moderna.

Dir-se-ia, porem, que o triunfo da pintura e do desenho aniquilou o triunfo literario — porque enquanto aquele ecoava ruidosamente no estrangeiro, deste nem sequer se falava.

E os que, como eu, seguem atentamente todas as novas manifestações literarias, depois de folhear as revistas do genero e de nelas não encontrarem referencias á moderna literatura russa, perguntavam a si proprios, com duvida e desalento:

— E' possivel que não existam novos escritores russos?

Mas passaram-se alguns anos e nos, ultimos, o labôr dos nossos camaradas da Russia começou chegando até nós por intermedio de revistas e casas editoriais da Italia, França e Espanha.

E verificamos que se os novos processos artisticos teem ali muitos apóstolos, não o teem menos as novas ideias.

A Russia foi sempre de todos os países aquele que melhor interpretou a Literatura Social — a Literatura da vanguarda ideologica, essa literatura que era como um grande farol vermelho erguido sobre o tumulto das noites europeias. A França, a Alemanha, a Italia e a Inglaterra, podem-nos ter dado escritores-interpretas da civilização, genios, padrões de escolas literarias, filosofos — sondas da vida, mas nunca deram, no campo da literatura social, tão formidaveis expressões como essas que desde o principio do século XIX nos dá a Russia.

E' em mãos eslavas que o facho da Literatura Social tem obtido os seus maiores fulgores.

E isto auxilia a justificar que na Russia, apesar da semi-barbarie de alguns dos seus povos, se haja tentado destruir, antes que noutros países mais civilizados, as algemas da opressão.

A Arte tem sempre um grande papel nas conquistas da Liberdade, e se na Russia não se estabeleceu ainda uma Liberdade duradoura, não foi porque a sua Arte não tivesse lançado as indispensaveis sementes.

O genio de Dostoiewsky, o talento de Tolstoi, de Gorki, Kropotckine, de Nudriedw, encontram agora novas modalidades numa geração nova, que descerrou as suas palpebras para o mundo literario, já sob o clarão da Revolução e que por isso compreende que é necessario ir mais para além, muito mais para além. Essa geração sabe que parar é morrer.

Um dos seus elementos mais representativos é Wladimir Maiakowsky. Poeta e revolucionario — é com a blusa dum «moujik» que ele surge um dia em Paris. Tentou o Teatro, com o seu drama de dôr e estarrecimento — *O misterio bufo*. Em 1917 combateu a carnificina europeia com o seu livro de poemas — *A guerra e o mundo*, interpretando assim o sentir russo ao afastar-se de entre as nações beligerantes.

A's teorias artisticas de Maiakowsky estão ligados outros poetas, como Assieief, Kroutchenik, Orvatof e Brik.

Mas outros ha, com manifestações pessoais e ideias da vanguarda. Elias Ehreburg, poeta e novelista, autor de «As aventuras de Julio Juvenito»; Andrés Biely, em cujo poema «Cristo ressuscitado» se canta o trepidar das maquinas e os vôos da ideologia moderna.

«Estes poetas são caracterisados por uma maneira voluntaria de subjéctivismo. Vibra neles um grande sentimento de solidariedade universal» — diz Halina Izdabska.

Muitos tambem já teem morrido. Uns, nas barricadas ou nas prisões, porque amaram a

Liberdade que os *soviets* não implantaram definitivamente; outros de fome e de miséria — roídos pela tuberculose. E não está sempre ligada á biografia dos mais representativos escriptores russos uma vida de sofrimento, de privações e tragedia? Dir-se-ha que um numen de fatalidade paira sobre a cabeça dos genios russos, pronto sempre a dar-lhe com golpe mortal.

Nisso — no sofrimento, na desdita — as novas gerações russas não se parecem com as outras da Europa — constituídas na maioria por individuos ricos, filhos de industriais e comerciantes opulentos...

A lista de mortos é já grande.

Leão Lunt — vem cair, faminto, vencido, em Hamburgo, com vinte e três anos apenas e deixando uma obra dramatica que foi uma revelação. Intitula-se «Fora da lei», é prefaciada por Maximo Gorki e aporta a um grande problema — o do revolucionario que se deixa contaminar pelo poder, em nome das suas proprias ideias. Mas o poder corrompeu-o e ele acaba por abdicar das suas doutrinas, tornando-se um tirano vulgar.

«Muitos dos companheiros em arte de Lunt — diz Maximo Gorki — permaneceram dias inteiros em completa imobilidade, dominados pela angustia da fome».

Tambem Alexandre Blok — um dos mais geniais da Russia contemporanea — morreu de fome em 1921.

Dois poemas o notabilizaram: — *Os Dose* — referencia simbolica aos apóstolos do cristianismo e do revolucionarismo — e *Os Escitas*, onde ha versos como estes, á margem das velhas regras poeticas: «Pela ultima vez desperta, mundo velho! — Pela ultima vez: vem a uma festa fraternal — Festa de paz e trabalho — Chama-te uma lira barbara».

Deste poema diz Ehremburg: «E' um grito de desespero e uma declaração de amôr á velha Europa e ao mesmo tempo uma terrivel advertencia».

Iseralof Ivanof foi tipografo e escritor, descrevendo na sua novela «O comboio blindado 1654» as lutas dos *Soviets* contra Kolschiak, na Siberia — e morreu tambem de fome.

Novas legiões, porem, continuaram na Russia a pregar, pelo porta-voz da Arte, a Ideologia Nova e os novos processos artisticos. Um critico da «Nouvelle Revue Francaise», referindo-se a estes jovens audaciosos, disse — «Neles se encontram os continuadores dos velhos processos da literatura social com que a Russia alimenta os dinamos das ideias revolucionarias.

E Ivan Goll, no seu «Les 5 continents» afirma — «Neles está a fonte de novas forças».

---

### UM PROBLEMA GRAVE

# NO ALGARVE MORRE-SE DE FOME!

COMO UMA PROVINCIA RIQUISSIMA SE TORNOU PAUPERRIMA. — AS CAUSAS DO FLAGELO, CRISE DE TRABALHO. — A ACÇÃO DAS «PARELHAS» ESPANHOLAS E A PROTECCÃO DAS AUTORIDADES. AS RECLAMAÇÕES OPERARIAS E O SILENCIO DOS PODERES PUBLICOS.

O Algarve foi uma das provincias mais ricas de Portugal. Em todo o seu vasto litoral durante muitos anos viveu-se uma grande abastança que permitia aos seus naturais uma vida quasi principesca. A' existencia do algarvio, por esse motivo, não se opunha essa muralha de negros presagios e receios tão comuns nas camadas menos bafejadas pela fortuna.

Essa situação privilegiada devia-se ao facto do Algarve ser riquissimo em peixe, condição que permitia um pleno desenvolvimento de todas as industrias, particularmente a de conservas. Diz-se até que durante a guerra muitos industriais conserveiros fizeram fortunas fabulosas em pouco mais de seis meses. Assevera-se mesmo que muitos maltrapilhas ascenderam, em pouco tempo, á categoria de nababos.

Mas eis que um dia surge, quasi fortuitamente, o reverso da medalha. O Algarve, de abundante que era, converteu-se numa provincia pauperrima.

Primeiro foi a valorização do escudo que carrilou a economia da provincia até ali profundamente desequilibrada. Dessa valorização resultou a carência da procura da conserva e o concomitante decrescimento na produção industrial.

Depois veio a falta de peixe em toda a costa algarvia e as suas funestas consequencias: a fome e a prostituição!

Porque se operou tão violentamente essa falta de peixe numa costa fertil como é a algarvia?

E uma explicação surge como um tra-



Um novo aspecto da indigência em Olhão

e os comedouros, obrigando o peixe adulto a emigrar em demanda do alimento necessário à sua existência.

O peixe falta porque as *parelhas* espanholas, contra o estabelecido na Convenção Internacional de Pesca, pescam á quem de seis milhas da costa, e algumas *parelhas* a poucos metros de distancia da linha do litoral.

As autoridades incumbidas da fiscalização não curam de saber destas coisas. Afirma-se até que as *parelhas* espanholas realizam a sua obra de extermínio sob a protecção daquelas autoridades.

A falta de peixe trouxe para o litoral algarvio a paralização completa de todas as indústrias. A primeira a sofrer tão duro golpe foi a industria conserveira. De algumas centenas de fabricas de conserva que existia no Algarve ha hoje pouco mais de uma dezena. Em todo o litoral, que compreende Vila Real de Santo Antonio, Tavira, Olhão, Faro, Albufeira, Portimão e Lagos, não funcionam dez fabricas conserveiras.

E mesmo aquelas que laboram fazem-no com redução de pessoal e de dias de trabalho.

As outras indústrias foram igualmente infectadas pelo bacilo crise de trabalho. Paralizada a industria de conservas, paralizadas estão também todas as outras.

Esta situação de miseria, vivida durante um ano, atingiu agora o seu fatal apogeu. No Algarve hoje já não se vive, vegeta-se. Uma parte da população emigrou na esperança de dias mais felizes. Outra permanece ainda ali, arras-

gido dobre de finados: o peixe falta porque é acoçado pelas *parelhas* espanholas e vai desovar a longinquas paragens, fóra do alcance dos cercos portugueses.

O peixe falta porque as *parelhas* espanholas, ou sejam as artes de arrasto a vapor, com os seus processos de pesca inutilizam as criações

tando uma existência plena de miseria e de desgraça!

Não tem já recursos para vencer a fome que a persegue implacavelmente. Não possui já condições para lutar com a miseria que lhe tortura a existência.

Porisso a população operaria acoçada pela fome, em comícios publicos resolveu reclamar dos poderes constituídos medidas que atenuem a crise de trabalho. E para o efeito nomeou uma grande comissão que há dias veiu a Lisboa entregar ao govêrno uma significativa representação, na qual se advogam varias reclamações que a serem atendidas fariam voltar a uma situação menos dolorosa as 60.000 pessoas que são atingidas pelos efeitos da pavorosa crise.

O que os poderes publicos pensam do Algarve é incognito ainda para essa legião de oeserdados que se debatem na agonia e que não poderão vencer a ultima fase da crise de



Um grupo de famintos aguardando a distribuição das rações na «Sopa dos Pobres» de Olhão

trabalho, que se aproxima com todo o seu cortejo de desgraças.

## UM AVIADOR CASTIGADO

A Inspeção dos Serviços Aeronauticos franceses pediu recentemente ao ministerio da Guerra a irradiação dum piloto, que, tripulando uma avionete, passara sob os *hangars* de dirigiveis de Orly, prova de destreza que parece não ter agradado aos técnicos da aviação.

Eis uma atitude sensata, que talvez sirva de lição, pelo menos em França, aos tresloucados que tantas vezes inútilmente arriscam a existência propria e a dos que os acompanham, na satisfação pueril dum capricho.

# A VENUS MODERNA

A MULHER, GLORIOSA OBREIRA DO PROGRESSO, A GRANDE DEMOLIDORA DOS PRECONCEITOS



Uma campeã argentina de natação

Todos os esforços dos reaccionários, tendentes a fazer regressar a Humanidade à ignorância primitiva, à escravidão da sombria Idade Média; todas as energias gastas pelos conservadores para se manter o estado embrionário actual; todas as manobras, emfim, dos inimigos da Luz e do Progresso Humano quedam inu-



Uma americana atradora exímia

teis, insignificantes, ante o avanço constante, o progressivo alcance, a evolução continua dos ideais de aperfeiçoamento humano.

A sociedade, intimamente convulsionada, revolvida até ao mais íntimo de suas entranhas, começa a compreender o atoleiro em que se afundava, — e a ter horror ao lodo infecto dos preconceitos. E os costumes modificam-se, transformam-se, as velhas ideias, durante séculos mantidas como verdades imutáveis, vão sendo postas de parte, como trastes inúteis, — louça rachada, feita em cacos pelo rodar dos anos, e que para sempre deve ser atirada para a montureira vasta das tradições.

Simulando de inimiga do Progresso por ser a mais avárá em conservar as suas crenças religiosas, a mais tolerante com os absurdos, a mais facilmente dominada e levada a abdicar de seus direitos, a Mulher é, não obstante, a mais gloriosa obreira do Progresso, da evolução incessante das sociedades humanas. Aceitando com alvoroço a Ideia nova propagando-a com ardor e dedicação que centenares de vezes tem ido até ao martírio, a



Uma grega jogando o «Golf»



Um salto extraordinário de uma law-tenista inglesa

Mulher tem sempre ocupado as primeiras fileiras, ao lado dos mais esforçados apóstolos da emancipação dos oprimidos; mas não tem sido, êsse, apesar disso, o seu principal papel. E' outro, e, embora menos arriscado, sem a aureóla dos sublimes sacrifícios, mais importante: o de demolidora dos preconceitos.

A Mulher, transformando-se, transformou a Sociedade; libertando-se, libertou-a. E hoje, quando por nós Ela passa, a saia curta deixando-lhe livres os movimentos, o cabelo higiénicamente cortado, a caminho do seu emprêgo, temos bem nítida, bem vincada, a demonstração do abismo que se cavou, separando nos das



Crianças espanholas fazendo exercícios de ginástica

tôrvas idades passadas. Abandonou a cauda roçagante, que cheirava a sacristia; não perde já as suas horas a edificar complicados penteados; simplificou o vestuário; move-se com nova graça, criando uma estética nova; ostenta mais firmes, mais vincadas, as linhas do corpo — e é já a

companheira, a camarada de trabalho do Homem.

Partindo a gaiola de seda e ferro em que a haviam enclausurado, a Mulher veio até junto de nós. Vêmo-la por toda a parte, encontramos-a no trabalho, nos teatros, nos restaurantes, nos cafés, nos desportos higiênicos.

Perdeu a hipocrisia das atitudes afectadas; olha bem de frente — não baixa as pupilas numa submissão fingida. Contenta de se ver emfim liberta, é mais generosa — e mais respeitada. Apetece sempre destruir as torres de marfim, desapear os ídolos; a Mulher-ídolo despertava os mais baixos instintos de posse; a Mulher-camarada, olhando-nos de igual para igual, inspira o mesmo respeito que temos por nós próprios. Os insultos da canalha não a alcançam. E em vão se esforçam os abencerragens



Amazona francesa triunfante de um concurso hípico

das ideias mortas por demonstrar que a mulher perdeu sua graça, um só de seus encantos.

A mentira vesga deles a ninguém pode vencer. Ei-la, a Mulher-Moderna a afirmar o contrario. Mesmo para os poetas, para as almas líricas que lhe colocaram azas, julgando que, voando, as misérias terrenas as não alcançariam, a Mulher tem actualmente maiores encantos, despida de artificios, livre, emfim.

Uma das mais belas conquistas da mulher foram os desportos físicos: o automobilismo, a equitação, o ciclismo, a natação, o remo, a ginástica em geral. Neste campo vasto, tem já marcado o seu lugar. E o que assim ganhou em beleza, dizem-nos: êsses corpos magníficos das Venus-Modernas, esplêndidas de força, de escultural beleza, de graça sábia.

Alberto de Magalhães



Estudantes americanas exercitando-se em ginastica

# A Organização Operária no Algarve

O QUE FORAM E O QUE SÃO OS SINDICATOS ALGARVIOS — A CRISE DE TRABALHO  
E O MOVIMENTO EMIGRATÓRIO — UMA AGRADAVEL PERSPECTIVA

Está ainda por fazer a historia do movimento operario português. Todavia as nossas colectaneas são já bem expressivas. Significam que quando essa historia se esboçar, a provincia do Algarve preencherá algumas paginas e das mais brilhantes.

O Algarve, mercê do seu grande desenvolvimento industrial, durante uma vintena de anos possuiu uma organização sindical com grande capacidade revolucionaria que lhe permitia enfrentar as mais delicadas situações da luta contra o capitalismo.

Em toda a vasta provincia, as mais insignificantes classes laboriosas possuíam o seu sindicato profissional. Maritimos, conserveiros, metalurgicos, manufactores de calçado, construção civil, graficos, empregados no commercio, etc., etc., estavam organizados fortemente. Os seus sindicatos eram qualquer coisa de respeito, com os quais não ousavam mangar os industriais.

Em todo o Algarve chegavam a existir cerca de trezentos sindicatos, com uma população associativa computada em vinte mil trabalhadores.

O post-guerra abriu, porém,



Em cima: Séde da «União dos Sindicatos Operarios de Faro» e das Associações dos «Sapateiros», da «Constracção Civil», dos «Maritimos» e da delegação ferro-viaria. — Em baixo: Séde dos Sindicatos dos «Chauffeurs Maritimos» e dos «Estivadores e Fragateiros», de Portimão

uma formidavel brecha naquela colossal organização!

O post-guerra foi como que o condutor da crise de trabalho. E o Algarve, que possuía uma industria artificial, foi a primeira provincia a receber o terrivel embate.

Acosados pela miseria, os trabalhadores emigraram para longe e os sindicatos viram diminuir os seus efectivos de uma maneira consideravel.

Depois, veiu a falta de peixe e a cessação das fabricas conserveiras, o que trouxe tambem a desorganização dos respectivos sindicatos.

Actualmente, em todo o Algarve, há pouco mais do que uma duzia de sindicatos operários.

Partindo o nosso exame de Vila Real de Santo Antonio encontramos aqui alguns orga-

nismos que atravessam uma existencia vegetativa. Do que de graná de existiu hs apenas as sedes dos sindicatos cuja renda um ou outro dedicado camarada paga.

Em Tavira não somos mais felizes no que concerne às organizações sindicais. Notamos as mesmas deficiencias que, aliás, são o resultado da grande crise.

Olhão, a terra martir, a vila on-

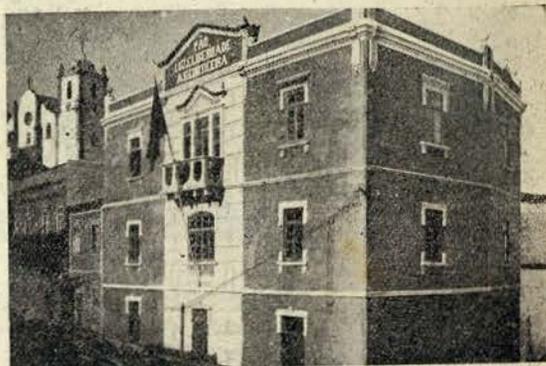


de a crise de trabalho maiores golpes produziu. não há um sindicato operario de pé. Sossobram todos às violentas vergastadas do flagelo. No entanto os sindicatos possuem ainda as suas sedes, pagas igualmente por um dedicado amigo — Augusto Cesar da Silva.

Na capital da provincia, Faro, há ainda uma organização cuidada, que mantem alguma actividade. Essa circumstancia deve-se ao facto de Faro não ter sido das cidades algarvias a mais vitimada pela crise e deve-se ainda à persistente acção de um reduzido numero de militantes operarios. Avançando até Silves, vamos aqui encontrar uma organização com um passado de luta dos mais brilhantes — a dos corticeiros. Há ali outros organismos sindicais, mas a acção de qual-

quer deles não se assemelha à dos valorosos corticeiros de Silves. Um dos seus ultimos movimentos está ainda patente: — a daquela greve de que resultou o assassinio do pobre corticeiro Francisco dos Santos, feito em estranhas condições pela força da guarda republicana sob o comando do tenente Vinhais.

Portimão mantem erectos dois sindicatos: o



dos estivadores e dos fragateiros. Os restantes conservam apenas as sedes, cuja renda de algumas é paga pelo velho propagandista libertario José Negrão Buizel. E, finalmente, Lagos não destoa do grau de vitalidade em que se encontram as organizações pertencentes à provincia.

O fenomeno, ao invés da previsão sociologica, produziu um estado sceptico nos trabalhadores. Quando mais convinha a união dos operarios mais estes se desviavam do sindicato, emigrando para longe ou entregando ao destino a sua sorte.

Parece que o movimento ora em trânsito contra a crise de trabalho, vai fazer ressurgir os velhos sindicatos algarvios.

Os trabalhadores confiam ainda nos seus organismos de classe, e da acção inteligente que a comissão das classes trabalhadoras algarvias vem desenvolvendo, muito há a contar para bem do futuro da classe operaria.

Alfredo Marques



Em cima: Gabinete da Direcção do «Sindicato dos Sapateiros, de Tavira — Associação dos Operarios Corticeiros de Silves. Em baixo: Séde da União dos Sindicatos Operarios, de Portimão — Sindicato dos «Pedreiros» e diversas classes, em Tavira

## ACTUALIDADES



O Sindicato dos Empregados do Comercio e Industria continua empenhando-se com vontade e afincamento por que seja cumprido com rigor a lei do horario de trabalho. Nesse sentido, numa das reuniões da sua assembleia geral foram nomeados os camaradas que hão de proceder á necessaria fiscalização.



Faleceu no dia 8 do corrente, ceifado da vida pela tuberculose aos 23 anos de idade, Antonio Pires de Matos que fazia parte do quadro da redacção de A BATALHA. Faleceu demasiado novo para deixar larga folha de serviços prestados á Causa, mas deixou funda saudade em quantos lhe reconheciam qualidades de coração e de inteligencia

Uma comissão representativa das diversas classes operarias do Algarve, acompanhada do professor José Negrão Buizel, veio a Lisboa reclamar dos poderes publicos providencias no sentido de acudir á crise de trabalho que está lançando na miseria a população trabalhadora daquela provincia.



Estas duas gravuras reproduzem dois aspectos do comicio, realizado na quarta feira, 9 de junho, no Parque Eduardo VII, promovido pelo Comité de Defesa Proletaria e no qual o proletariado afirmou mais uma vez o seu nunca desmentido amor pela liberdade e o seu espirito de rebeldia contra todas as prepotencias e violencias.



## SUPERSTIÇÕES

## O PODER MAGICO DAS ARVORES

O homem primitivo deve ter sido impressionado pela semelhança que encontrou entre o homem e a árvore. Nesta descobriu dois elementos que logo lhe pareceram essenciais e fundamentais da vida animal: — a água representada pela seiva, e o fogo que entendia conter-se na lenha.

Depois de ter achado esta relação, foi atribuindo ás diversas árvores da flora terrestre, propriedades antropogónicas, isto é, propriedades eficazes, ora contra, ora a favor de todas as qualidades, funções e atributos humanos.

Daqui vem poderem classificar-se as ervas, arbustos e árvores, sob o ponto de vista das superstições, em sagradas, profanas, milagrosas, proféticas, mágicas, nupciais, eróticas, genésicas, medicinais, etc.

Esta relação primitivamente achada entre o homem e a árvore, até hoje tem vindo a perpetuar-se através das idades.

Por isso em todas as línguas do mundo se traduz a ideia de «Árvore genealógica», para designar os ascendentes do individuo.

Aos filhos chama-se ás vezes — «rebentos» e «pimpolhos».

Para designar a nobreza de alguém, diz-se que é «de bom tronco», «de boa linhagem», e «de boa raça», sendo bem possível que este último termo venha de *radix*, onde persiste o mesmo radical de «raiz», «ramo» e outros.

Em matemática emprega-se a metáfora — «raiz quadrada, cúbica», etc.

Quem haverá que não diga ou não tenha ouvido dizer — «a árvore da redenção», a árvore do Natal? —

Os primeiros viajantes europeus que chegaram ao Malabar, lá foram encontrar uma lenda que levava os Malaios a acreditar na existência de árvores que em vez de darem frutos, davam... homens e mulheres!

No Piemonte italiano ainda os aldeãos crêem que a sua existência é devida a terem sido retirados do tronco de um carvalho pela sua primeira mãe!

Também no Guzarate houve por muitos séculos o uso de conduzir as noivas até próximo de uma certa árvore sagrada onde eram iniciadas nos segredos da maternidade.

Nas lendas mosaicas perflhadas pelo Cristianismo — Adão, o lendario homem primitivo, aparece-nos descripto como único habitante de um jardim delicioso, povoado de arvoredos entre o qual se encontrava a árvore da Saboria, ou seja do Bem e do Mal. E' pela intervenção dessa árvore mitológica que ele conhece Eva, e com ella se acasala para dar origem aos supostos primeiros homens — Caim e Abel.

Os exemplos seriam infinitos, se quizessemos alongar as citações demonstrativas da função das plantas na vida supersticiosa.

Achamos preferível pormenorizar com algumas árvores de significado supersticioso entre nós.

## I

## Culto fálico. — Avelaneiras

O culto da geração, o culto mítico do Amor, em sciencia chamado «culto fálico», foi tão extenso que se divulgou em tempos remotos por toda a superficie da terra.

Foi na India que ele teve maior desenvolvimento. Uma das divindades que presidiam ás grandes celebrações fálicas tinha o nome de Belfegôr. As solenidades orgiásticas assumiam o aspecto de religiosas, embora nelas se tocasse o delirio da luxúria e da hediondez.

Por ocasião destas celebrações, as práticas da sodo-

mia, do incesto, da bestialidade pronográfica, emfim, eram as preferidas e as mais apreciadas pelo povo.

Entre muitos outros exageros da luxúria, devoravam-se crianças, depois de as terem esmagado com abraços lascivos, e para abafar os gritos das victimas, dançavam-se-lhes em volta danças macabras ao som dos tantans e das trombetas!

Na simbólica de tão pavoroso culto, a divindade negra, que no seu altar com o nome de Belfegôr ou de Rutrem, presidia a estas festas, era representada com um idolo barbado de boca encarnada, á qual servia de lingua um imenso «falo», representativo da geração!

Faziam parte da liturgia complicada deste culto que na velha Roma teve repercussão com os nomes de Bacanaes, Saturnais e outros, muitos ramos, varas, plantas, ervas e arbustos cujo emprego se perpetuou, tendo até nós chegado muitos e muitos vestígios em práticas mágicas, superstições, ditados, anexins, cantigas, etc.

Referindo-se ao culto amoroso ligado á avelã e ás avelaneiras, já em épocas recuadas encontramos uma Serranilha portugueza de origem provençal onde se surpreende o espirito sensual ligado a estas árvores de fruto. Citemos um trecho, modernizando-lhe quanto possível a linguagem e a ortografia, para que os menos lidos facilmente lhe compreendam o sentido:

«Bailemos nós já todas, todas, ai amigas,  
Debaixo d'estas avelaneiras floridas;  
E quem fôr béla como nós, bélas,  
Se amigo a amar  
Debaixo d'estas avelaneiras floridas  
Virá bailar».

«Bailemos nós já todas, todas, ai irmãs,  
Debaixo d'este ramo de avelãs;  
E quem fôr louçã como nós, louçãs,  
Se amigo a amar  
Debaixo da rama d'estas avelãs  
Virá bailar. (\*)

No século XVII, Soror Maria do Ceu, n'umas composições poéticas sob o titulo de «Significações das flôres moralizadas» trata também de «Avelãs liviandade» nas rimas:

«Leviandade Avelãs,  
Não direi delas pôdres d'elas sans,  
Sua árvore ligeira como o vento,  
Toda vem ao primeiro movimento;  
Muitas não teem miolo como a cana,  
Que nunca tem miolo e é leviana.  
Tem gosto e não tem peso,  
Que este é da loucura o contrapeso.

Talvez do seu aspecto aparente de ôca, viesse a ideia de leveza, e depois leviandade aplicada no sentido moral.

E' muito frequente chamar «cabecinha de avelã» a uma pessoa de costumes ligeiros e insuficiencia de raciocínio.

## II

## Amoras e amendoas

E' crendice popular que em dia de S. Bartolomeu o Diabo faz todas as suas necessidades em cima das amoras, e que por essa razão conjectural, desse dia em diante não devem mais comer-se.

O 24 de Agosto, que a Igreja consagrou a S. Barto-

(\*) *Cancioneiro da Vaticana* — Serran. 462

lomeu, um dos apóstolos de Cristo, foi o dia escolhido pela superstição para numerosas práticas e crendices.

Assim, por exemplo, acredita-se que no dia d'este santo, do meio dia para a uma hora da tarde, anda o Demónio á solta.

E tambem ha quem creia que batendo com uma imagem de São Bartolomeu na cabeça de uma pessoa e dizendo-lhe — «mêdo fóra!» — logo o medo passa.

Ligando com a data de 24 de Agosto, entendem os crentes do Porto que quem tomar um banho em dia de S. Bartolomeu, esse banho vale por vinte e quatro!

Antonio Delicado registou no século XVI este curioso adágio que já saiu do uso, e cujo sentido nos escapa:

— «Não faças do queijo barça  
nem do pão Sam Bartolomeu».

Mais do que as amoras, porem, celebra a superstição as amoreiras.

«Antes moreira que amendoeira» ainda hoje o povo diz, assim condenando a segunda, embora tambem na primeira encontre o seu senão.

Das amóras canta o povo no Alemtejo:

«Quem quer comprar, que eu vendo,  
Amórazinhas a vintém?  
São baratas, comprem todos,  
Que na cama sabem bem».

No Douro tambem subsiste a ideia amorosa ligada ás amoras:

«O meu amor amouo,  
Foi ás amoras ao mato;  
Sae-te d'ái amuado,  
De amores já 'starás farto».

E a Estremadura mantém a tradição popular:

«O meu amor, coitadinho,  
Foi ás amoras ao mato,  
Coitado do meu amor,  
Que nem d'amoras é farto».

Em Traz-os-Montes ha cantigas amorosas dirigidas á arvore das amoras:

«Debaixo da Amoreira  
Meu amor 'stava chorando,  
Encostado a 'ma rozeira,  
Dando ais de quando em quando.

Mais acentuado sentido, porém, se encontra nas amendoas e nas amendoeiras» que até no adagiario teve repercussão.

«Amores de freira, flores de amendoeira», dizia-se em Portugal inteiro até aos principios do século passado. Até á actualidade, embora não já muito vulgarisado, chegou este outro que já no século XVI Antonio Delicado registava:

— «Abraçou-se o asno com a amendoeira, e acharam-se parentes».

Ainda é crendice popular em todo o país, que a Amendoeira é tão gaiata que enganou o Diabo.

E' por estas tradições que o cancionero popular regista quadras como esta que se canta na Beira Baixa:

«Menina, se quer amendoas  
Encoste-se á amendoeira,  
Vá comendo, vá gostando,  
Vá metendo p'r'á algebeira».

Uma outra usada no Alemtejo completa a evidencia do sentido amoroso que anda ligada a esta arvore:

«Eu subi á amendoeira,  
Puz o pé na alta rama,  
Para ver os traveseiros  
Que a menina tem na cama».

## A VIDA NOS ABISMOS LIQUIDOS

Se ainda hoje não é inteiramente conhecida a flora e a fauna terrestre, flora e fauna acessível ao contacto do humano, se ainda hoje, quasi que diariamente se registam especies novas, quer do mundo vegetal, quer do mundo animal terrestre, não obstante de regiões pouco frequentadas, — que se poderá dizer e afirmar das condições de existencia, das formas vivas nos abismos liquidos, nos fundos quasi insondaveis dos grandes oceanos da Terra? Acreditava-se, e não ha muito tempo, que a vida era impossivel para alem de 400 metros de profundidade, argumentando-se para isso, na não existencia de luz para os vegetais e animais, nas enormes pressões que haviam de haver, que haviam de se dar nessas profundas paragens. E de facto, se dez metros de agua exercem uma pressão de uma atmosfera sobre um corpo imerso, mil metros exercerá cem; dois mil, duzentas, cinco mil, quinhentas. Poderia qualquer ser suportar tais pressões? Não, diziam. Um dia porem tudo se desfez. O levantar em 1861 do primeiro cabo submarino — Inglaterra — America — que devia ter assentado em chão, a uns 2000 metros de profundidade e foi retirado coberto de plantas e animais marinhos, junto com as grandes expedições oceanograficas tentadas pelas diversas nações das quais ha a destacar a do *Challenger*

(1) 1872/75, a do *Travailleur* em 1880, a do *Talisman* em 1883 etc etc., destruíram os castelos... biologicos erguidos pelos sabios classicos, cristalisados nas paginas da biblia. O que vinha á publicidade causava-lhes enorme espanto, embatucava-os!

Hoje, surgiam-lhes algas luminosas, aranhas quasi sem corpo, mas de pernas enormes, peixes com olhos e que deviam pairar em alturas que já a chapa fotografica mergulhada era retirada insensível; amanhã, outras formas surgiam, que, pelo contrario, embora habitantes de paragens mais profundas, ainda mais tenebrosas, não tinham olhos, ou quando os possuíam eram olhos enormes, quasi do tamanho da metade da cabeça, olhos luminosos ou... orgãos que como faroes de automoveis se iluminavam, expandiam luz ao talante do seu possuidor. Era uma derrocada.

(1) Corveta de helece, de 2.300 toneladas e provida de uma maquina de 1230 cavalos, comandada pelo celebre capitão *Nares*. A bordo iam varios naturalistas celebres como Thomson, Murray, Mac. Clear, Buchaman, Moseley etc. que transportavam verdadeiros laboratorios de investigação scientifica.

O frenesi apoderou-se então de todos, e nesse belo entusiasmo de desvendar a natureza, inúmeras expedições oceanográficas se seguiram, se organizaram, cada qual melhor provida, repletas de aparelhos especiais, sondas, dragas, redes, etc., muitos deles invenção dos seus dirigentes, donde se destacam as do príncipe Alberto príncipe de Monaco, primeiro no *Hirondelle* e depois no *Princesse Alice* e *Princesse Alice II* para não falar em outros e bem assim os cruzeiros nas regiões árticas e antárticas do *Valdivia* em 1898/99, do *Gauss* em 1901/903, do *Scotia* em 1902/904, do *François* do Dr. Charcot em 1903/905 e a seguir no *Pouquoi-Pas?* em 1909/1910, do *Fram* de Nansen etc. etc, outras mais ou menos recentes com que diáritmetne o humano *aclara* a vida nesses vales de trévas eternas.

Foi um sabio alemão, *Haeckel*, quem melhor pelas suas memoráveis campanhas oceanográficas conseguiu obter maior numero de dados e uma classificação geral dos seres viventes do meio marinho. Classificou-os em tres grandes categorias.

a) o *Plankton* ou *Planqueton*, categoria de seres vegetais ou animais que vivem passivamente a uma profundidade entre 400 metros, quasi todos transparentes, fosforescentes, muito abundantes nas aguas tropicais e onde são causa de espectaculos maravilhosos de *fosforescencia das aguas dos mares*. Encontram-se incluídos nesta categoria numerosas algas, *diatomáceas*, *cromácias* que se associam geralmente, as primeiras às *globigerinas* e aos *radiolarios foraminiferos*, *alforrecas*, *asterídeos*, *holoturídios* etc., seres que se alimentam, segundo se diz, dos diversos organismos mortos nas mesmas aguas ou de algumas presas que obteem nas mesmas zonas em que habitam, servindo por seu lado de alimento favorito aos peixes. Ha quem pretenda que alguns destes seres vão a baixo dos 400 metros marcados, mas a dar-se o facto são de tal modo raros que se fixa antes nos 400 metros a zona da sua existencia. Mas nada se pode dizer ao certo. E' tão moderno o conhecimento da vida nos mares abissais que é prematura qualquer fixação firme dos seus limites de existencia e basta saber-se que dois metros cubicos de agua recolhida no mar Baltico, forneceu depois de filtrada um residuo organico formado por muito perto de 6.000.000 de organismos vegetais e animais. Muitos destes seres dão ás camadas superficiais colorações estranhas frequentemente observadas.

b) O *Bentos* categoria de seres que vivem no fundo intimo dos oceanos, geralmente fixados, não obstante aparecerem pelos 150 metros. São por isso divididos em: *Epibentos* os que se encontram em fundos de 150 metros.

*Mesobentos* que se fixam em fundos de maior profundidade, depois de 150 metros e em perfeita obscuridade.

*Hipobentos* os que vivem em fundos abaixo de 800 metros e vão até ás grandes profundidades hoje conhecidas, de 8350 metros.

Vivem estes seres *provavelmente* numa obscuridade absoluta e a uma temperatura que, não obstante uniforme

e fixa, é avaliada em muitos graus abaixo de 0 centígrados. (2) O alimento destes animais abissais deve ser, afirma-se, constituído pelos seres do *planqueton*, que, mortos, caem das camadas superiores para os fundos dos oceanos e pela fatal luta pela vida, pela supressão dos ais fracos pelos mais fortes.

c) o *Nekton* ou *Nequeton*, categoria de seres dotados de organismos natatorios, ou sejam portanto todos os peixes propriamente ditos.

E' precisamente nesta ultima categoria onde se encontram as inumeráveis especies estranhas que tanto ferem pelas suas extravagancias... naturais aqueles que tão belamente tinham arquitetado uma *Historia Natural...* artificial.

E' o *Eurypharinx* (Vasta faringe) que lembra pela forma da boca um pelicano e que na sua enorme guela empilha montões de comida, que vive a 2500 metros de profundidade, enterrado no fundo, emergindo apenas a boca e quando avista a presa parece que a atrai indo precipitar-se esta na sua enorme bolsa bucal, onde fica encerrada até... o proximo *apetite*.

E' o *Melanocetus* cuja bolsa é agora neutral e onde as presas permanecem por longo tempo num armazenamento metódico e de previsão, a tal ponto que se torna maior o volume da guela do que o proprio animal.

E' o *Halosauropsis* que paira por uns 1500 metros e apresenta em cada lado do corpo duas filas de aberturas, especie de faroes munidos de uma *palpebra* que á vontade do animal levanta ou abaixa e deixa assim que jorros de luz saiam do seu ventre e iluminem as trevas desses abismos e veja a presa que procura ou o

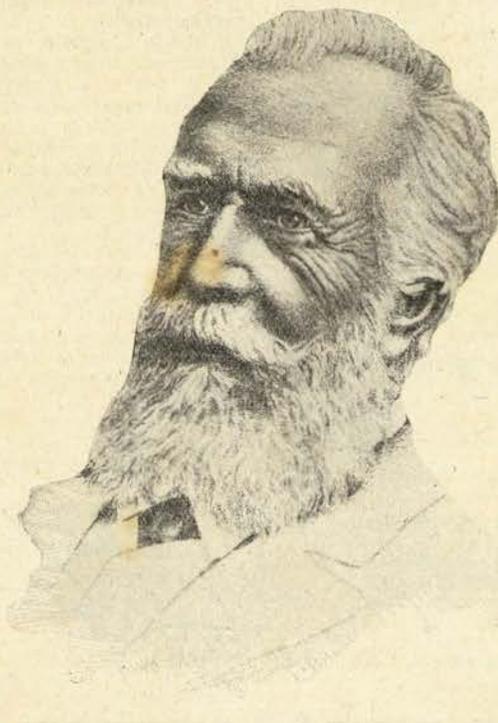
inimigo a que tem de escapar. Mas não é este o unico ser assim formado, segundo refere o príncipe de Monaco; outras especies existem que além de poderem *acender* ou *apagar* a substancia fosforescente que possuem, como nós fazemos com um comutador electrico, ainda emitem luzes de cores diversas — vermelho, amarelo, azul, conforme certamente as *suas conveniencias*, por meio de uns órgãos especiais denominados *chromatopygoros* e outros ainda são inteiramente fosforescentes... quando lhes apraz.

E' o *Malacosteus Niger* das profundidades do Atlantico, — 1500 metros — que apresenta por debaixo dos olhos umas placas fosforescentes que lhe servem de holofotes. E' um animal muito voraz, de cor negra, tendo a boca enorme, armada de grandes e ponteados dentes.

E' o *Ipnotops Morragy*, que ao invéz daqueles que vivem nas trevas e produzem luz, é cego... porque vivendo retirado, nas profundidades impenetráveis aos raios luminosos... não necessitará ver?

E' o *Eustomias Obscurus* apanhado entre 1900 e 2500

(2) Acredita-se que a temperatura do Atlantico perto do seu fundo é de um grau centígrado abaixo de zero e do Indico de 2 graus negativos o que é dependente, é claro, das correntes marinhas. Isto parece contrariar a maior densidade da agua seja a 4,01 mas se atendermos que o meio abissal não é independente das causas diversas que influem sobre a temperatura e pressão, nela ficaremos ainda como certa.



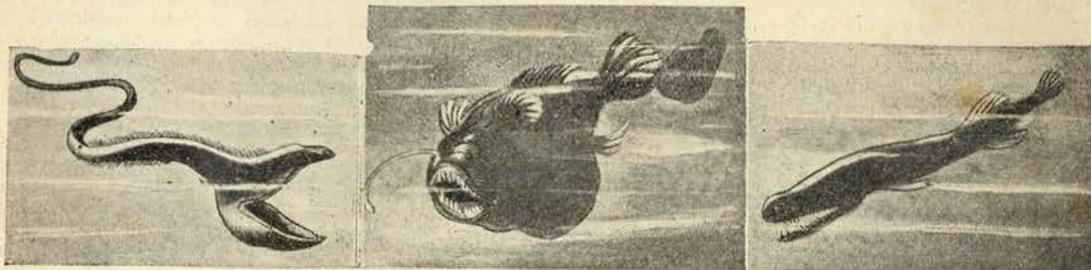
Ernesto Haeckel

metros que ostenta ao nível da parte media do espaço que une as mandíbulas, um comprido filamento com pequenas bolsas nas extremidades, que mete no lodo e atrai, apanha o que deseja para se alimentar, sendo este filamento um verdadeiro órgão do tacto.

E finalmente outros surgiram logo, outras excentricidades não menos compreensíveis, não menos naturais como os peixes electricos, que matam a presa com descargas consecutivas, os peixes venenosos que adormecem a presa, etc., etc.

Sol, sem luz? Mas qual luz? Aquela que os nossos olhos percebem? Não possui porém o espectro solar outros raios — raios obscuros — como os ultra-violetas, os infra-vermelhos, que não apercebemos? Penetram esses e aqueles outros raios até as profundidades oceanicas? Experiencias muito recentes confirmam.

Diz-se que a penetração dos raios solares não vão além de 300 metros, mas isto é para os raios normais, chamemos assim aos vermelhos, alaranjados amarelos, verdes, azues e violetas; quanto aos outros, está hoje de-



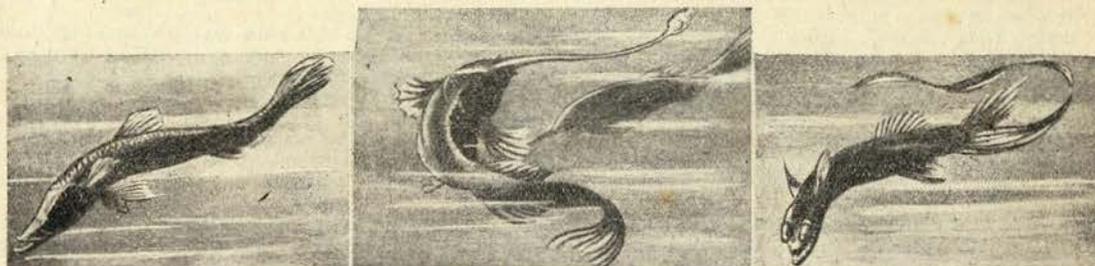
N.º 1 — *Eurypharynx* ou *Sacopharynx pelecanooides*, cuja boca lembra o bico do Pelicano. Nada por 2500 metros de Profundidade.

N.º 2 — *Melanocetus* do oceano Indico que apesar do seu aspecto teroz e do sua enorme boia difficilmente consegue alimentar-se. Nada por 4000 metros, capturando a presa por meio de um apendice que se desenvolve a meio da linha dos olhos.

N.º 3 — *Malacosteus Ninger* peixe do oceano Atlantico provido de placas fosforescentes. Esconde-se a 1500 metros de profundidade.

Eis pois alguns exemplos dessa fauua maravilhosa que os sabios biblicos apresentam como *provas* contra a teoria da evolução, contra o transformismo da Terra, dos Vegetais, dos Animais, quando na verdade, no fundo são mais *provas* que se acumulam. Nenhum desses seres têm formas novas, nenhum desses seres difere das especies conhecidas, o que ha portanto é uma adaptação ao meio, quer ela tenha partido destes para as formas já nossas conhecidas, quer destas para aquelas dos abissais, seja ainda uma adaptação dos seres das trevas para os da luz, seja dos da luz para os das trevas, mas para nós deve ser das trevas para a claridade e tanto mais que

monstrado que entre 1000 e 1800 metros de profundidade existem esses raios *luminosos* invisiveis (é claro para o humano) mas que impressionam, sensibilizam as modernas chapas fotograficas *extra-sensiveis*. As formigas, *veem* e *sentem* os raios ultra-violetas, que são obscuros para nós. ¿Porque não admitir que esses seres do mundo abissal não sintam, não vejam outros raios, ainda na data desconhecidos para o humano? E para a vida, para existencia da vida não podera existir uma diferença? Poderá aquela prescindir da *luz luminosa* e não da *luz obscura*. Mas não haverá na certesa, *luz luminosa* nas grandes profundidades?



N.º 4 — *Ipnops murrayi*. Peixe sem olhos, do oceano Atlantico e da profundidade de 3.000 metros, mas luminoso.

N.º 5 — *Gigantura*. Peixe do Golfo da Guiné e dos mares da India que para por uns 3000 metros. E provido de olhos enormes chamados telescopios.

N.º 6 — *Gigantictis. Vanhoeffeni*? — pescado entre 3000 e 5000 metros no oceano Indico. Ser estranho, com um só olho colocado na extremidade de um prolongamento da cabeça e com o qual prescuta as fendas das rochas ou talvez os limos abissais (?)

todas as especies recolhidas apresentam os traços característicos das formas arcaicas, das epochas geologicas, da epocha secundaria de preferencia, e de 42 generos de polipeiros apanhados pelo *Challenger*, 20 eram conhecidas *já no estado fossil*; e para mais confirmar o exposto, quando os animais das cavernas, cegos e incolores, são trazidos para a luz do Sol, os seus olhos desenvolvem-se, o seu corpo toma cor, actividade.

Assim parece, e tanto que os peixes providos de olhos são... projectores de luz. Fazem luz para... poderem ver? Mas essa *luz luminosa* possuem tambem outros seres como algas, polipeiros etc, e estes não tem o sentido da luz, não vêem enfim. O *Ipnops Murrayi* é cego mas possui na cabeça placas transparentes luminosas!

O que ha aqui, parece-nos, é que em vez do *maravilhoso* ha um desconhecimento ou antes um esquecimento. Quem é que não tem agitado em noite escura a agua salgada contida numa celha numa praia, e não tenha presenciado a formação de pequenas luzinhas?

Mas em que condições, realmente, viverão estes seres? Se os raios de Sol, se a luz é um dos factores da vida, como se pode conceber a existencia de uma vida sem

Quem é que não tenha visto luzir à noite uma pescada numa cozinha... ou a cabeça da mesma num caixote de lixo? Quem finalmente desconhece o Pirlampo?

Portanto, porque tanto assombro? E também porque admirar que estes seres—alguns—ostentem cores vivas? Mas eles apresentam essas cores ante os nossos olhos, e no fundo dos mares serão coloridos também? A física moderna ensina-nos que as cores dos corpos provem da reflexão dos raios coloridos, isto é, que um corpo é vermelho ou verde se reflete um raio vermelho ou os raios azues e amarelos em conjunto. Logo, em conseqüência, esses seres poderão ser negros nas profundidades e coloridos quando em face dos raios a que chamamos normais, ou antes, do espectro solar. Cada vez, portanto, se compreende menos o espanto dos sábios clássicos. A pressão também por eles sofrida está no mesmíssimo caso. Porventura sentimos nós o peso do ar que nos oprime? Não contrabalançam os gases que interiormente nos enchem esse peso, essa pressão, nada pequena, quasi de 17.000 quilos num homem de estatura regular?

Devemos reflectir demais, que os animais marinhos, como de resto nós, também não nos encontramos envolvidos pelo meio ambiente, pelas aguas, mas por ele penetrados, e que os seus tecidos são dumia elasticidade enorme como atesta o «ensufamento» que apresentam os peixes recolhidos por 4000 metros de profundidade a ponto tal, que ao serem retirados das aguas, o estomago lhes sai pela boca, as escamas estão verticais, numa deformação prejudicial para o seu estado, em conseqüência da expansão dos gases interiores mal contidos naquele mo-

mento pela pressão esterna que cá fora é menor necessariamente que a sofrida lá em baixo.

Mas não se suponha que a abundancia e variedade de especies seja restricta; pelo contrario, a 4500 metros de profundidade, a uma pressão avaliada em 450 atmosferas (3) recolhem-se exemplares vivos de todos os grupos dos invertebrados e alguns peixes.

Isto é, a vida subsiste sem luz, em todas as pressões, em todas as temperaturas, apenas as suas formas apelidadas de *estranhas*, de *maravilhosas* resultam dum arranjo de existencia diversa do que julgamos saber da vida, talvez mesmo duma apparencia que elles modificam numa natural adaptação do meio, algum ou alguns dos seus órgãos se é que os outros, aqueles que conhecemos e não os apelidamos de *estranhos* não são antes uma adaptação daqueles.

Não ha, não pode haver na natureza *maravilhoso*.

O fundo dos mares é pois, como a superficie da terra; apenas a agua substitui o ar. Ha nesses fundos, vales habitados, colinas, montanhas cheias de vegetação, ha nesses fundos vida, luta pela satisfação das necessidades, pela ansia da conservação em que cada um se adapta melhor ou pior ao meio, em que cada um se defende como pode.

Antonio Lima

(3) 464.850 quilos por diametro quadrado.

# JUSTIÇA!...

CONTO POR EDUARDO FRIAS

Justiça!...

A cabeça apoiada entre as mãos, os cotovelos fincados no peitoril da janela, a senhora Maria Josefina, envolvia num sarcasmo humedecido de lagrimas, todo o mecanismo deste conceito: Justiça!...

Arrastada para um turbilhão de pensamentos perfurantes, dolorosos, a palavra justiça erguia-se do fundo da sua consciencia como uma imagem apavorante, por fim injuriosa.

Justiça... Se havia Justiça!...

Deixava deslizar a mão pelo rosto, limpando as lagrimas, depois, mordendo o pulso, insistia numa obsessão:

— Tudo depende da escolha de um bom advogado! Um bom advogado custa muito dinheiro.

A justiça é simplesmente isto... Dinheiro... E quem não pode pagar a sua defeza? Quem não tem meios de fazer interessar um advogado na defeza da sua causa? E' a derrocada... Perde tudo! Perde até a vida... E' tal qual assim... a vida!...

Em baixo, num pequeno jardim, um grupo de crianças brincava alegremente.

A senhora Josefina afrouxou um momento as suas reflexões, e olhou distraída o grupo irrequieto.

— Eram felizes aquelas crianças... Não conheciam as cruéis batalhas da existencia... Não conheciam a vida...

E de novo no seu espirito passava esta idéa terrível: — A vida...

E notando os seus desesperados raciocínios:

— E' isso! Perde-se a vida... Eu vou perder a minha vida...

Não quiz mais sentir a alegria ingenua das crianças, voltou-se, e entrou a encarar o teto, as paredes, os móveis, como num ultimo adeus de despedida.

— E vou perder tudo isto... Vou deixar tudo isto, onde cada coisa me fala da minha vida, do homem que amei, do pai de minha filha, tudo emfim quando constitue a minha razão de viver... Tudo isto vai ser despedaçado,

vai desaparecer na voragem dum formidável cataclis no, vai para as mãos dos inimigos de meu marido, só porque eles ganharão a demanda, porque eles podem, e eu não pagar a um advogado.

A idéa de que toda a sua casa, por uma trica do tribunal, iria ser trofeu de gloria nas mãos dos inimigos de seu marido, roubava-lhe toda a clareza de raciocínio.

— Não!... Eles não teriam nunca esse prazer!... Ela não lhes daria essa gloria... Daria tudo... tudo, para o evitar. Foi evocando a memoria do marido que ella lutara com desespero, mantendo os seus direitos, impondo a justiça, custeando a despeza com o advogado. Mas estava exausta.

O advogado reclamava mais dinheiro para andamento do processo. E ella não o tinha. Ia perder tudo. Era a derrocada de toda a sua vida.

Subitamente encaminhou-se para o seu quarto, compoz o rosto ao espelho, disfarçou as lagrimas com pó de arroz, e voltou a apparecer na sala, lenta, resoluta.

— Alice! Alice!...

Sorria, estava alucinada, cega de desespero.

— Alice!... Que fazias tu? Senta-te... Ouve, minha filha. Estou indisposta... Sinto-me mal...

— Minha mãe...

— Deixa! Não é nada... A demanda com os inimigos de teu pai põe-me nervosa, gasta-me... Estou exausta... Mas isto passa... O que me estava a affligir, é que eu devia tratar um assunto muito grave com o advogado. Recebi... Não recebi nada... Mas fiquei sabendo... Que a nossa questão se pode ganhar rapidamente... Se... Se...

Se eu fosse já ao escritorio do nosso advogado, expôr-lhe um caso de que eu recebi... não... de que eu tomei conhecimento... Isto é muito importante... Mas eu não posso ir já ao escritorio, como seria conveniente... porque... estou... muito nervosa... Ouve, minha filha. Tu és uma menina que se sabe impôr... Felizmente não és timorata... pois não?...

— Oh! Minha mãe!

— Ouve! E' preciso que vás tu... E's tu que vais falar com o advogado... Diz-lhe que... Não digas nada... Vais lá entretê-lo... Procura qualquer pretexto... Diz que esperas por mim. Que eu fui... onde tu te apetece dizeres... Minha filha! E' preciso este sacrificio... Ele espera, porque eu prometi pagar-lhe hoje alguma coisa para que o processo siga... E' preciso não faltar... Senão êle aborrece-se... Diz que eu fui ao banco.

— E êle, mã... que idade tem?

Isaura, a filha da senhora Maria Josefina, é uma linda rapariga de deessete anos. E' graciosa, olhos ingenuos e uma desenvoltura de maneiras que desorienta.

No consultorio do advogado de sua mãe, ela está só olhando com curiosidade o aposento. Ingenua e garota, deixa-se surpreender pelo advogado, que acudiu ao telefone, roubando dum solitario uma flôr.

— Então sua mãã não poude vir!

— Deve estar a chegar, doutor, está aqui a dois passos, no banco...

— Sim!... Sim!... Muito bem!...

Fez-se um silencio de constrangimento.

Isaura vendo o advogado baixar os olhos sobre a papelada, aproveita este rapido momento para se acercar duma janela e olhar distraidamente a rua.

— Está uma tarde linda. Uma tarde horrivel para um advogado...

— Horrivel?

— Sim! menina. Pensar em memorias, minutas, requerimentos, prisões, numa tarde destas...

— Então em que é que queria pensar?

— Em coisas bonitas!... Bem vê!... Até a menina não resistiu!...

— Eu?...

— Claro! Veja lá se foi capaz de não furtar uma flôr...

— Ah!... Mas a justiça tambem é uma coisa bela, uma coisa linda... Não é verdade?...

— Ora menina! A justiça... A justiça...

E sorrindo, os olhos semi-cerrados, o doutor avançava lentamente até á janela, onde Isaura se refugiara...

Soou uma campainha. Logo a voz de um empregado: — Dá licença, sr. doutor?

— Entre!

— Está lá fóra a senhora Maria Josefina que pretende falar com urgencia ao sr. doutor.

— Mandê entrar...

A senhora Maria Josefina penetrou no gabinete, afogueada, precipitadamente.

— Isaura!...

Isaura!...

— Minha mãe!

— Preciso de falar ao senhor doutor num assunto grave... muito grave... que tu não podes ouvir. Vai já

para casa... Não te demores no caminho... Já estás aqui há muito tempo? Oh! Meu Deus!... Isaura... Não me perguntas agora nada... Vai para casa...

Num silencio cortado pela respiração ofegante da senhora Maria Josefina, Isaura inclinou ligeiramente a cabeça num gesto de despedida, e abandonou o gabinete...

— Mas que é isto, minha senhora!

E não o ouviu. Deixou-se cair sobre uma poltrona a soluçar...

— Oh! Mas como eu pude pensar semelhante monstruosidade...

— Mas minha senhora...

— Oh! A Justiça!

E continuou a soluçar...



*Edmundo Fial*

## O MUNDO CURIOSO

### Como tornar secretas as comunicações radiotelefónicas

Desde que surgiu a radiotelefonía, e os seus maravilhosos resultados se impuzeram, um problema se apresentou, como o mais importante, depois da genial descoberta: a forma de tornar secretas as comunicações; com o seu actual desenvolvimento, a necessidade de inventar-se um dispositivo que pudesse orientar as ondas hertzianas de maneira a só serem interceptadas por determinado aparelho tornou-se imperiosa.

A' solução desse problema dedicaram-se desde logo numerosos físicos, mas sem que até agora qualquer resultado digno de nota se registasse. Realmente, toda a emissão radiofónica, uma vez lançada no espaço, é rece-

bida por todos os postos que funcionem com o mesmo comprimento de onda e se encontrem dentro do alcance da estação emissora. Ora isto tem numerosos inconvenientes, o maior dos quais é sem duvida criar a impossibilidade da utilização do telefone sem fios para uso particular, em substituição do telefone usual, de montagem difficil e incomodamente sujeito aos êrros de ligação das telefonistas pouco zelosas.

Da Austria, anunciam-nos porém, que essa invenção complementar da T. S. F. está realizada pelo engenheiro Emilio Marek, que conseguiu um dispositivo capaz de assegurar o sigillo das comunicações. Trata-se, segundo narra uma revista austriaca da especialidade, dum aparelho que, em vez de emitir ondas de determinado comprimento, as emite variáveis, constituindo uma série em harmonia com uma escala só conhecida na estação receptora.

Alem disso, a combinação é feita com ondas de comprimentos desudados, e, desta forma, mesmo que um posto aprendesse o comprimento duma das ondas, sem a escala, só obterá uma pequena parte da comunicação, perfeitamente ininteligível, se o aparelho fôr manejado com inteligência.

O invento do engenheiro Marck está sendo submetido a experiências, aguardando-se o resultado destas com grande interesse.

### A produção da hulha

A substituição da hulha pelo petróleo e outros óleos minerais está influenciando sensivelmente no consumo mundial do carvão de pedra, acentuando-se de ano para ano o decréscimo da produção daquela em quasi todos os países; mas o mais curioso das estatísticas referentes aos principais centros da actividade hulheira é que a diminuição da produção correspondeu um consideravel aumento no numero dos operarios empregados nas minas, o que indica que o rendimento de cada homem sofreu grande baixa nos ultimos doze anos.

Assim, a Alemanha, produzia, nos territorios que a constituem actualmente, 152 milhões de toneladas, em 1913, empregando 500.000 operarios; em 1924, com 614.000, apenas produziu 133.000.000 de toneladas. Na Inglaterra, a produção era de 321.000.000, e o pessoal mineiro 1.127.000; actualmente, a primeira cifra desceu para 300 milhões, e a segunda ascende a 1.179.000. Na Belgica, mantem-se a cifra da produção, mas a produção do pessoal foi aumentada em 26.000. A Polonia, com mais 60.000 operarios, obteve menos 10 milhões de toneladas. Nos Estados-Unidos da America, a produção, que era de 570 milhões, mantem-se; mas os mineiros, que eram em numero de 646.000, são agora 780.000.

Só em duas nações a produção do carvão obteve um aumento: Na França, que extraia 44 milhões e extrai actualmente 48, com um acrescimo de 84.000 homens no pessoal, e a Holanda, que produz hoje 7 milhões em vez de 2, com 30.000 operarios, em vez de 10.000.

Como se vê pelo balanço das cifras apresentadas acima, apesar do enorme acrescimo da actividade fabril em todos os continentes, a que devia corresponder o aumento de produção e consumo da hulha, esta, pelo contrario, sofreu uma baixa consideravel; o facto está alarmando muito seriamente os países productores do carvão de pedra que não são, como sucede com os Estados Unidos, simultaneamente, grandes productores de óleos minerais.

### Quem come mais assucar?

Eis uma pergunta a que vai responder a seguinte estatística, recentemente publicada num jornal inglês:

Nos diferentes países da Europa, cada habitante consume, em média, por ano, a seguinte quantidade de assucar: — Dinamarca, 48.500 gramas; Inglaterra, 38.500; Holanda, 33.500; Suécia, 30.500; Noruega, 27.000; Bélgica, 25.400; Tcheco-Slováquia: 23.600; Alemanha, 23.450; Suíça, 23.150; França, 22.350; Finlândia, 18.220; Austria, 17.100; Espanha, 8.500; Itália, 8.100; Hungria, 8.050; Portugal, 7.000; Polónia, 6.500; Iugo Slávia, 5.100; Roménia, 3.600; Rússia, 1.400.

Por aqui se vê que a Dinamarca é a patria dos maiores gulosos, seguindo-se-lhe a Grã-Bretanha e depois a Holanda; Portugal ocupa desconsoladoramente o décimo sexto lugar, entre a Hungria e a Polónia, países onde o consumo é infimo, se comparado com as catorze nações anteriores.

### Historia macabra

Ha dias a *gare* de Guildford, proximo de Londres, foi teatro duma scena assaz macabra. Durante algumas horas, um acontecimento imprevisto trouxe verdadeiramente horroizado o pessoal, ao mesmo tempo que os mais hábeis *detectives* da capital inglesa eram chamados a tóda a pressa.

O caso passou-se assim: A chegada do comboio precedente de Londres, um empregado descobriu sob o assento duma carruagem um volume que lá ficara, decerto por esquecimento. Tirou-o, mas como ele se tornasse suspeito, resolveu-se a abri-lo. Deparou-se-lhe uma cabeça de mulher...

A policia foi chamada e encetou imediatamente as suas complicadas investigações, ao mesmo tempo que os *Sherlok-Holmes* do Reino Unido se punham em campo, fazendo grande e horrivel crime.

Entretanto, um homemsinho apresentavá-se sucessivamente em várias estações do percurso do comboio onde a cabeça fôra encontrada, a reclamar o embrulho. Era indubitavelmente *criminoso*, e, apenas chegou a Guilford, foi detido e posto em presença da *corpo de delicto*, que imediatamente reconheceu... e explicou ser a cabeça duma múmia egipcia que devia contar 1600 anos.

Avalie-se a decepção dos *detectives*...

### A indústria de tecidos no Equador

Nos últimos dez anos, a indústria de tecidos na república do Equador, um dos pequenos mas florescentes estados da América Central, tem-se desenvolvido extraordinariamente, e já hoje ali emprega alguns milhares de pessoas. As principais fábricas são as que existem em Quito, Riobamba e Ambato.

A princípio, viveu esta indústria em situação bastante precária; as primeiras fabricas que se fundaram empregavam maquinismos antiquados, adquiridos em segunda mão na America do Norte, onde, como é sabido, continuamente se renovam os processos manufactores. Como, porém, em breve os resultados excederam a expectativa, dentro em pouco foram modernizando-se os sistemas de fabrico, e actualmente as fábricas possuem já maquinismos aperfeiçoados. A produção anual é avaliada em onze milhões de *suces*, ou sejam cerca de cem mil contos da nossa moeda.

### O sono dos morcegos

O morcego, êsse feio mamífero alado que, apesar de inofensivo, tantos ódios e grosseiras superstições perseguem, passa, como tóda a gente sabe, o inverno a dormir.

É um hábito preguiçoso, na verdade, mas que se justifica, dada a impossibilidade do pobre animalito procurar alimentação nessa época do ano, sem que o frio o vitimasse; a Natureza condeu-se dele e deu-lhe essa preciosa faculdade de adormecer apenas a temperatura baixa, para só acordar quando o Sol começa a fazer desabrochar as flores. Mas nos países frigidíssimos do norte da Europa descobriu-se um curioso fenómeno: os morcegos que hibernam nos bosques dessas regiões adquirem uma rigidez quebradiça, a ponto de a mais pequena pancada os partir em pedaços, como se fôsem feitos de vidro.

Pobres morcegos!

### Um «ice-berg» gigantesco

Os *ice-bergs* são enormes pedaços de gelo flutuantes, verdadeiras montanhas que se separam dos imensos campos de gelo polares e descem, trazidos pelas correntes marinhas, até latitudes ás vezes bastante baixas.

Constituem um sério perigo para a navegação — e não ha muitos anos uma das maiores maravilhas que o homem construiu, o TITANIA rival vencedor desse desgraçado LUZITANIA, que a guerra vitimou em circunstâncias horrivelmente tragicas, perdeu-se de encontro a um desses monstros errantes. O ano passado, foi avistado nas alturas de New-York um *ice-berg* verdadeiramente gigantesco, o maior que ainda se vira naquelas latitudes, pois media mais de cem metros de altura e cobria cerca de três quilometros quadrados de superficie.

Uma verdadeira ilha flutuante, como aquella que Júlio Verne nos descreve num dos seus mais encantadores volumes.

SECÇÃO EDITORIAL

DE

“A BATALHA”

ALMANAQUE DE «A BATALHA» PARA 1926.....	5\$00
ORGANIZAÇÃO SOCIAL SINDICALISTA.....	3\$00
A CRISE DO SOCIALISMO por A. Hamon.....	1\$00
OS I. W. W. NA TEORIA E NA PRÁTICA.....	3\$00
O SINDICALISMO REVOLUCIONARIO E A ORGANIZAÇÃO OPERARIA por Rodolfo Rocker.....	1\$00
A REVOLUÇÃO SOCIAL E O SINDICALISMO por Orchinof.....	1\$00
AS TRÊS INTERNACIONAIS SINDICAIS por Schapiro.....	1\$00
A CONCEPÇÃO ANARQUISTA DO SINDICALISMO por Neno Vasco.....	1\$00
A HISTORIA DO MOVIMENTO MACNOVISTA por Orchinof.....	10\$00

OS MISTERIOS DO POVO por Eugenio Sue

EPISODIOS PUBLICADOS:

I — A BRAGA DO GRILHETA — A FOUCINHA DOURO — O CANO DA MORTE.

II — O COLAR DE FERRO — O CARPINTEIRO DE NAZARETH.

III — A MÃE DOS ACAMPAMENTOS.

IV — RONAU, O VAGABUNDO.

Cada livro de 300 a 400 páginas, ilustrado e encadernado, a 10\$00.

Pedidos á nossa administração acompanhados das importancias respectivas do porte de correio e registo;

BREVEMENTE

COLECCÃO COMPLETA E ENCADERNADA DO 1.º ANO DA REVISTA **RENOVAÇÃO**



# Renovação

REVISTA GRAFICA  
DE  
NOVOS HORIZONTES SOCIAIS  
Arte, Literatura, Actualidades

Aparecem em 1 e 15 de cada mês

Número solto, 1\$50

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA:

Portugal, colonias e Espanha

3 meses.....	9\$00
6 ".....	18\$00
Ano.....	36\$00

Estrangeiro

6 meses.....	24\$00
Ano.....	48\$00

## AGENCIAS

Paris — *Livraria Internacional* — Rue Petit, 14 (19<sup>o</sup>).

New Bedford, Mass (U S A.) — *Livraria Contemporânea* — 56. Nelson St.

Argentina — *José Francisco de Jesus* — Cassilla, 19 — Comodoro Rivadavia Chubut.

Funchal — *Bureau de la Presse*.

## ANÚNCIOS

No interior e última página da capa, ilustrados e a cores, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38-A — LISBOA

Não basta lêr a **Renovação**. E' preciso espalhá-la! Se cada um dos seus actuais assinantes angariasse um assinante novo, **Renovação** poder-se-ia publicar com o dobro de páginas sem alteração de preço.

**Renovação** retribue as fotografias interessantes que lhe sejam enviadas pelos seus leitores sôbre acontecimentos que interessem a vida operária, tais como: manifestações populares, grèves, congressos, comícios, desastres no trabalho, festas associativas, inauguração de escolas, cooperativas onerárias, etc.